

CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS SOBRE O CONCEITO DE IDEOLOGIA EM MARX E GRAMSCI

Elisabete M. M. de PÁDUA
Instituto de Filosofia - PUC-Campinas

RESUMO

*Neste artigo fazemos uma leitura crítica do conceito de ideologia em Marx e Gramsci, analisando sua contribuição teórica para a Teoria da Ideologia; buscamos compreender o conceito de ideologia em Marx como **mistificação** (produção de ilusão) e em Gramsci como **visão de mundo**, no sentido de considerá-los como categorias de análise que podem ser complementares no processo de pesquisa, uma vez que, articuladas, nos permitem uma compreensão crítica da realidade histórico-social.*

ABSTRACT

In this article, we make a critical lecture of Marx and Gramsci ideology concepts and their contribution to the Ideology Theory; we intend to clarify that these concepts of ideology, under Marx as "mystification" and, under Gramsci as "weltanschauung", considering both as complementaries analysis categories in a research process, let us reach a critical understanding of the historical and social reality.

INTRODUÇÃO

É indiscutível, hoje, a importância que assumiu o conceito de ideologia para o estudo dos fenômenos sociais, como uma das categorias centrais para explicação do conhecimento e do comportamento humano.

Apesar da ideologia ter sido objeto de estudo de inúmeros teóricos que, partindo da clássica concepção de Marx, procuraram detectar aspectos teóricos e filosóficos que contribuíssem para o desenvolvimento e consolidação das Ciências Sociais, não há uma homogeneidade nas concepções sobre o conceito de ideologia; a pluralidade de concepções que encontramos nas Ciências Sociais e na Filosofia

atesta as dificuldades existentes para seu estudo em cada ciência.

O termo **ideologia** foi inicialmente cunhado por Destutt de Tracy (Elementos de Ideologia, 1801), autor que, inspirado nas idéias sensualistas, portanto numa perspectiva científico-naturalista, buscou fundar a ciência da "gênese das idéias", que estudaria a formação das idéias a partir da observação das relações entre o corpo humano e o ambiente.

Juntamente com outros *ideólogos*, como De Gérando e Volney, Destutt de Tracy era considerado antiteológico e antimetafísico; no entanto, por terem entrado em polêmicas com Napoleão, estes autores foram chamados de *ideólogos*, termo equivalente a metafísicos abstratos, fora da realidade. O sentido

pejorativo dos termos *ideologia* e *ideólogo* foi portanto, atribuído por Napoleão, que em discurso de 1812 ao Conselho de Estado afirmou:

*“Todas as desgraças que afligem nossa bela França devem ser atribuídas à ideologia, essa tenebrosa metafísica que, buscando com sutileza as causas primeiras, quer fundar sobre suas bases a legislação dos povos, em vez de adaptar as leis ao conhecimento do coração humano e às lições da história.”*¹

Coube a Karl Marx e F. Engels a sistematização de uma Teoria da Ideologia, a partir do texto clássico *A Ideologia Alemã* (1846), onde, analisando e criticando os pensadores alemães pós-hegelianos - Feuerbach, Stirner, Bauer, elaboraram sua concepção de ideologia.

Para Gramsci, que revalorizou o marxismo como Filosofia da práxis, a abordagem da ideologia se encontra em praticamente toda sua obra, destacando-se dos Cadernos do Cárcere (1929-1936), o texto *O Materialismo histórico e a filosofia de Benedetto Croce*, onde a questão da ideologia como visão de mundo é bastante discutida.

Algumas passagens selecionadas nos permitem apreender como Marx e Engels chegam ao conceito de ideologia como falsa consciência, como mistificação, produção de ilusão e mascaramento da realidade histórico-social da sociedade de classes e como Gramsci, a nosso ver não negando, mas ampliando o conceito de Marx, a compreende como visão de mundo (*weltanschauung*).

Buscamos mostrar que no plano da pesquisa científica, os conceitos de Marx e Gramsci, se tomados como categorias de análise da realidade histórico-social, não são contraditórios entre si, mas podem se complementar, no sentido de ampliar nosso conhecimento da realidade concreta.

IDEOLOGIA COMO PRODUÇÃO DE ILUSÃO E COMO VISÃO DE MUNDO

“A produção de idéias, de representações, da consciência, está, de início, diretamente entrelaçada com a atividade material e com o intercâmbio espiritual dos homens, aparecem aqui como emanção direta de seu comportamento material. O mesmo ocorre

*com a produção espiritual, tal como aparece na linguagem da política das leis, da moral, da religião, da metafísica de um povo. Os homens são os produtores de suas representações, de suas idéias, etc., mas os homens reais e ativos, tal como se acham condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas e pelo intercâmbio que a ele corresponde até chegar às suas formações mais amplas. A consciência jamais pode ser outra coisa do que o ser consciente, e o ser dos homens é o seu processo de vida real. E se, em toda ideologia, os homens e suas relações aparecem invertidos como numa câmara escura, tal fenômeno decorre de seu processo histórico de vida, do mesmo modo porque a inversão dos objetos na retina decorre de seu processo de vida diretamente físico... Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência.”*²

Nesta passagem, Marx e Engels indicaram o eixo de seus estudos posteriores sobre a ideologia, centrado na compreensão das ideologias como “idéias falsas” - estão invertidas como numa câmara escura (estão de “cabeça para baixo”), como resultado da vida material.

O pensamento é atividade da consciência, mas não está acima das condições históricas de produção, não é autônomo como na metafísica, ao contrário, resulta de seu processo histórico; neste sentido, as representações que o sujeito elabora, quer sejam filosóficas, científicas, políticas, religiosas, estão ligadas, ou melhor, são decorrentes das condições materiais de produção da existência.

Esta compreensão é reafirmada por Marx no prólogo da *Introdução Geral à Crítica da Economia Política* (1857) onde, a partir de seus estudos sobre a filosofia do direito de Hegel, afirma:

“O resultado geral a que cheguei e que, uma vez obtido, serviu de fio condutor a meus estudos, pode resumir-se assim: na produção social de sua existência, os homens contraem determinadas relações necessárias e independentes de sua vontade, relações de produção que correspondem a uma determinada fase de desenvolvimento das forças produtivas materiais. O conjunto destas relações de produção forma a estrutura

econômica da sociedade, a base real sobre a qual se levanta a super estrutura jurídica e política e a qual correspondem determinadas formas de consciência social. O modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e espiritual, em geral. Não é a consciência do homem que determina seu ser, mas pelo contrário, o seu ser social é que determina sua consciência."³

Ao contrário de Hegel, Marx vai colocar o entrelaçamento da realidade político-social e econômica, historicamente situada que, numa estrutura dinâmica, determina, ao mesmo tempo, *o processo de vida social, política e espiritual em geral*. A consciência está ligada às condições materiais de produção da existência e aqui Marx já mostra as diferentes formas que pode assumir a cada fase do desenvolvimento das forças produtivas.

No entanto, a consciência, ou melhor, as idéias que representam a realidade, são elaboradas pelos homens como elas se apresentam e são percebidas em sua realidade imediata, nas atividades práticas que exercem no trato com a natureza, com o conhecimento, com os outros homens. Se trata de uma representação imediata, numa determinada práxis histórica, mas que se dá como um conjunto de representações (ou categorias) do pensamento comum, que possibilitam aos homens uma familiarização com as coisas da realidade, *mas não a sua compreensão como resultado das relações de produção* (sociais e técnicas). Por isso, Marx mostra a tendência das idéias constituírem uma representação invertida - falsa consciência - do processo histórico real.

Só que esta representação invertida aparece, ao mesmo tempo, como eterna, imutável e Marx busca mostrar a fragilidade destes argumentos, em especial no texto Miséria da Filosofia polemizando com V. Proudhon; as citações a seguir, deixam claras as idéias de Marx:

"O sr. Proudhon economista compreende muito bem que os homens fabricam os tecidos de lã, os tecidos de algodão e os de seda, em relações determinadas de produção. Mas o que ele não compreende é que estas relações sociais determinadas são também produzidas pelo homem, do mesmo modo como tecidos de algodão, de linho etc. As relações sociais estão intimamente ligadas às forças produtivas.

Adquirindo novas forças produtivas, os homens mudam o seu modo de produção, a maneira de ganhar a vida, eles mudam todas as suas relações sociais... Os mesmos homens que estabelecem as relações sociais de acordo com a sua produtividade material, produzem também os princípios, as idéias, as categorias, de acordo com suas relações sociais... Assim, estas idéias, estas categorias são tão pouco eternas quanto as relações que exprimem. São produtos históricos e transitórios. Há um movimento contínuo de aumento das forças produtivas, de destruição nas relações sociais, de formação nas idéias: de imutável não existe senão a abstração do movimento - mors immortalis."⁴

Em janeiro de 1865, em carta a J.B. Schweitzer, Marx torna a deixar clara sua posição em relação à metafísica clássica, e sua oposição ao texto de Proudhon, *Filosofia da Miséria*:

*"No livro que escrevi como réplica, o senhor encontrará a crítica dos dois grossos volumes de sua obra. Demonstrei ali, entre outras coisas, quão pouco ele penetrara no segredo da dialética científica; mostrei como, por outro lado, ele compartilha das ilusões da filosofia especulativa, pois ao invés de conhecer as categorias econômicas como expressões teóricas de relações históricas de produção, correspondentes a um dado estágio de desenvolvimento da produção material, ele as converte de maneira absurda em idéias eternas, preexistentes; e como através desses circunlóquios retorna mais uma vez ao ponto de vista da economia burguesa".*⁵

Marx se refere aqui também à questão da compreensão burguesa das relações sociais e técnicas de produção, que são vistas como *leis naturais, leis eternas* (independentes do modo de produção). Nesta mesma passagem, Marx chama a atenção para as possibilidades de compreensão efetiva do real através da *dialética científica*⁶.

De fato, é de suma importância para as questões da ideologia a compreensão marxista de ciência; os fenômenos se manifestam imediatamente ao homem, que os apreende pelo senso comum de forma fragmentada, "ingênuo". A essência dos fenômenos só pode ser apreendida mediante um esforço, que cabe a Filosofia e a Ciência realizarem.

Marx deixa explícita esta sua compreensão em algumas passagens de O Capital, das quais destacamos a do Capítulo XLVIII:

“Na realidade, a economia vulgar se limita a interpretar, a sistematizar e a pregar doutrinariamente as idéias dos agentes do capital, prisioneiros das relações de produção burguesas. Por isso, não admira que de todo se harmonize com as relações econômicas em sua aparência alienada, em que são evidentes contradições absurdas e completas; aliás, toda ciência seria supérflua se houvesse coincidência imediata entre a aparência e a essência das coisas.”⁷

Através da Ciência e da Filosofia vamos então encontrar as possibilidades de mostrar o verdadeiro significado da ideologia como *falsa consciência*, como *produtora de ilusão*, da ilusão de que, de modo geral, as ações humanas não estão vinculadas à realidade social, ao mundo do trabalho; à medida que idéias e valores são apresentados como *universais*, adequados à natureza humana, harmônicos, há um apagamento, um mascaramento, das contradições encontradas na realidade histórico-social, decorrentes da prática.

A gênese da falsa consciência se encontra nas atividades materiais exercidas pelos homens, historicamente determinadas pela divisão da sociedade em classes; a compreensão da questão da ideologia em Marx requer assim, uma articulação entre pensamento-representações, classes sociais e poder, no sentido de revelar suas contradições e a pretensão de seu discurso de ser a expressão da realidade histórico-social.

No que se refere à divisão social no trabalho, é na questão da separação entre trabalho manual (esfera da existência) e trabalho intelectual (esfera da consciência) que vamos encontrar a origem da ilusão da autonomia das idéias, do pensamento, portanto, da razão. Neste sentido, para Marx, a condição de existência da ideologia está na capacidade de seu discurso mostrar como real (e natural...) a separação entre trabalho intelectual e trabalho material, o que engendra a ilusão da separação entre teoria e prática, entre ação e representação, entre atividade e idéia, como se as idéias fossem autônomas, separadas da realidade histórico-social.

A ideologia como “mistificação”, como “produção de ilusão” requer portanto uma crítica, do ponto de vista filosófico-científico, que demonstre sua falsidade, seu erro, sua ilusão, seus “mecanismos lógicos” que permitem o interesse privado parecer interesse universal, a dominação se apresentar como consenso entre as classes, o próprio Estado parecer estar acima das classes sociais, quando, na verdade, representa a classe dominante.

Entretanto, estas características da “ideologia em geral” apontadas por Marx e Engels não nos permitem alcançar plenamente as especificidades de cada ideologia engendrada no curso da história; o campo teórico aberto por Gramsci, vai distinguir dois tipos de ideologia:

“1) as elucubrações metafísicas inventadas por certos indivíduos, arbitrarias e ilusórias; 2) as ideologias historicamente orgânicas que são necessárias a uma certa estrutura, isto é, aquelas que constituem uma ‘concepção de mundo que se manifesta implicitamente na arte, no direito, na atividade econômica, em todas as manifestações da vida individual e coletiva’... ‘toda visão de mundo é histórica, toda verdade pretensamente eterna e absoluta tem uma origem prática histórica e uma validade provisória.’⁸

Nesta perspectiva, para além do conceito de ideologia como “produção de ilusão”, Gramsci vai enfatizar que ela pode ser compreendida também como “visão de mundo”, como parte integrante, constituinte, da realidade histórico-social, inscrita na praxis. Trata-se de considerar a realidade da ilusão: “A ideologia é pensada portanto como substância, como substância histórica, dotada de positividade, mas não a positividade de uma mentalidade apenas, e sim como inscrita na praxis. Assim, ação e representação constituem uma unidade, com a qual a totalidade da práxis humana pode ser pensada como histórica.”⁹

A compreensão da ideologia como “visão de mundo” põe em relação ao mesmo tempo as *concepções*, representações, sobre a realidade e as ações imediatas dos homens, que se pautam por um conjunto de valores e crenças. Para Gramsci, a compreensão da ideologia não se situa exclusivamente na ordem intelectual (Ciência, Filosofia) como para Marx e Engels, mas leva em conta também as

convicções, a vontade dos indivíduos, que não deixam de estar inscritos na esfera do poder.

Por outro lado, como observa Löwy¹⁰, não se pode desconsiderar a análise que Gramsci faz da relação entre a ciência e as visões de mundo, já que ele *considera a própria ciência como uma ideologia*, na medida em que resulta também do processo histórico. Algumas citações de Gramsci em *O Materialismo Histórico e a Filosofia de Benedito Croce* tornam clara esta afirmação:

*“Na realidade, a ciência é também uma superestrutura, uma ideologia... A ciência não se apresenta jamais como uma concepção objetiva nua: ela aparece sempre revestida de uma ideologia; concretamente, a ciência é a união do fato objetivo com uma hipótese ou um sistema de hipóteses que ultrapassam o simples fato objetivo.”*¹¹

Isso quer dizer que toda ciência da sociedade faz parte de uma visão mais ampla, uma visão de conjunto, enfim, uma concepção do mundo, não se constituindo numa *descrição* fatural e objetiva (pura) da realidade.

Em decorrência desta compreensão de Gramsci, as análises de Marx não são negadas, porém são elas mesmas vistas como um produto histórico e não verdades absolutas e eternas; suas categorias de análise são válidas enquanto não estiverem superadas as condições histórico-sociais que as originaram, ou seja, a existência da sociedade de classes.

Neste sentido, as ideologias não são somente uma ilusão, mas compõem um conjunto mais vasto, orgânico, de valores, crenças, convicções, orientações cognitivas, doutrinas, teorias, representações, coerentemente unificadas por uma perspectiva de classe (em Marx o conceito de ideologia aparece sempre vinculado à classe dominante, não se fala de uma ideologia da classe dominada, do proletariado); já o conceito de ideologia como “visão de mundo” (Löwy utiliza a expressão “visão social de mundo”) nos permite compreender que as ideologias podem corresponder aos interesses de diferentes classes sociais, e não só aos da classe dominante. Em decorrência deste fato, as “visões de mundo” podem ser conservadoras, legitimadoras da ordem social vigente, ou críticas, “subversivas”, quando propõem alternativas de superação da ordem social estabelecida.

Outro aspecto importante colocado por Gramsci é que a busca da verdade, ela própria um fato social, deve levar em conta a discussão coletiva de diferentes experiências, de diferentes interpretações, mesmo que das “minorias”, contra o autoritarismo, a intolerância e a arrogância que muitas vezes se escondem sob uma pretensa autonomia intelectual; à medida que formos capazes de desenvolver uma atitude de respeito às diferenças e abertura ao diálogo, mais perto estaremos do conhecimento efetivo de uma dada realidade histórico-social, conforme o próprio autor:

“Na discussão científica, já que se supõe que o interesse seja a busca da verdade e o progresso da ciência, demonstra ser mais avançado aquele que adota o ponto-de-vista segundo o qual o adversário pode expressar uma exigência que deve ser incorporada, ainda que como um momento subordinado, à sua própria construção”...

*... significa justamente que nos liberamos das cadeias das ideologias (no sentido deletério de fanatismo ideológico cego), isto é, que nos situamos desde um ponto de vista crítico, o único fecundo na investigação científica”*¹²

ALGUMAS CONCLUSÕES

Tanto para Marx como para Gramsci o enfrentamento da questão ideológica passa pelo reconhecimento do **presente como história**, onde nossa ação, nossa atividade teórico-prática intencional, não-utilitária, portanto práxis, é parte do movimento histórico. Não podemos pensar a história como um processo exterior a nós, como se pudéssemos traçar uma linha divisória entre a compreensão da realidade histórico-social e a nossa práxis enquanto sujeitos históricos que buscamos analisá-la criticamente.

A compreensão destas duas tendências clássicas da categoria ideologia se mostra fundamental, pelas conclusões a que um trabalho de pesquisa pode chegar, em se optando por uma ou outra concepção de ideologia.

Se entendermos ideologia somente como produção de ilusão, sua crítica implica que nós, enquanto sujeitos da análise, possamos desmascarar/desvelar, do ponto de vista filosófico-científico, os processos que levaram à produção da ilusão. No

entanto, esta crítica que se opera no âmbito da racionalidade, só pode ser compreendida nesta mesma esfera, intelectual, isto é, pela classe dominante, que tem condições de se apropriar do sentido da crítica e, inclusive em muitos momentos, usá-la a seu favor para perpetuar a dominação político-ideológica.

Entretanto, a compreensão da ideologia como “visão de mundo” abre a perspectiva de examinarmos o poder da classe dominante não mais como absoluto e ilimitado, mas também sujeito à diferentes formas de resistência por parte da classe dominada, ou seja, para Gramsci

“A filosofia da práxis não busca resolver pacificamente as contradições próprias da história e da sociedade; mas, ao contrário faz delas teoria; ela não é o instrumento que permite aos grupos dominantes obterem o consenso necessário ao exercício de sua hegemonia sobre as classes subalternas; ela é precisamente a expressão dessas outras classes em sua vontade de formar-se na arte de governar, na medida em que elas tem interesse em conhecer todos os aspectos da verdade, mesmo os mais desagradáveis, e em desmascarar os enganos da classe dominante e mais ainda os seus próprios”¹³ (grifo nosso)

Concluimos que, enquanto categorias de análise, os conceitos de ideologia em Marx e Gramsci não são opostos ou excludentes, mas podem ser trabalhados de forma a se complementarem, articuladamente, uma vez que, ao mesmo tempo que nos auxiliam a desvelar/desmistificar os mecanismos ideológicos dominantes em uma dada realidade histórico-social, nos possibilitam sua crítica (e auto-crítica ...) tanto no sentido do seu conhecimento - busca da verdade, quanto no sentido de sua transformação - revolução.

NOTAS

- (1) Apud Marilena S. CHAUI, *O que é Ideologia*, p. 24.
- (2) K. MARX e F. ENGELS, *A Ideologia Alemã*, p. 36-37.
- (3) K. MARX, *Introdução General a la Crítica de la Economía Política*, 1857, p. 36-37.
- (4) K. MARX, *Miséria da Filosofia*, p. 94-95.
- (5) K. MARX, *Carta a J.B. Schweitzer*, Textos, nº 3, p. 326-332.
- (6) Para Marx, metodologicamente, as categorias principais de compreensão conceitual da realidade a ser investigada se apresentam como pares: fenômeno-essência; mundo da aparência-mundo real; aparência externa dos fenômenos-lei dos fenômenos; movimento visível-movimento real interno; representação conceito; falsa consciência-consciência real; ideologia-teoria/ciência.

- (7) K. MARX, *O Capital*, Livro 3, vol. 6, p. 939.
- (8) Apud Michael LÖWY, *As Aventuras de Karl Marx Contra o Barão de Münchhausen*, p. 135.
- (9) José Carlos BRUNI, *Ideologia e Cultura*, USP, Mimeo, 1980, p. 19.
- (10) Michael LÖWY, *Ideologias e Ciência Social: elementos para uma análise marxista*, p. 11-32.
- (11) Apud Michael LÖWY, *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen*, p. 135.
- (12) Apud M. A. MACCIOCCI, *A favor de Gramsci*, 176.
- (13) *Ibidem*, 37.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRUNI, José Carlos. *Ideologia e Cultura*. Universidade de São Paulo, Mimeo, 1980.
- CHAUI, Marilena S. *O que é ideologia*. 3ª ed. S.P.: Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 1981.
- KONDER, Leandro. *O Futuro da Filosofia da Práxis - O pensamento de Marx no Século XXI*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- KOSIK, Karel. *Dialética do Concreto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.
- LÖWY, Michael. *Ideologias e Ciência Social: elementos para uma análise marxista*. 2ª ed. S.P.: Cortez, 1985.
- _____. *Método Dialético e Teoria Política*. 2ª ed., R.J.: Paz e Terra, 1978.
- _____. *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Munchhausen*. 5ª ed. S.P.: Cortez, 1994.
- MACCIOCCI, Maria-Antonietta. *A Favor de Gramsci*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- MARX, K. *Introdução General a la crítica de la Economía Política* (1857) in *Cadernos de Passado y Presente*. 4ª ed., Córdoba, nº 1, 1971.
- _____. *Miséria da Filosofia*. S.P.: Livraria Exposição do Livro, 1972.
- _____. *O Capital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v.3, 1971.
- MARX, K e ENGELS, F. *A Ideologia Alemã*. 6ª ed., S.P.: HUCITEC, 1987.
- _____. *Textos*. nº 3, S.P.: Ed. Sociais, 1977
- MONTEIRO, J. Paulo. Da Ideologia ao ideologismo in *Conhecimento, Linguagem, Ideologia*. Marcelo DASCAL (org.) S. Paulo: Perspectiva, 1989, 193-216.
- PÁDUA, E. M. M. de. Notas introdutórias ao estudo da teoria marxista. *Revista Reflexão*, Puccamp, n. 36, set./dez. 86.
- SEVERINO, A. Joaquim. *Educação, Ideologia e contra ideologia*. S. Paulo: EPU, 1986.